

PREPOSIÇÃO: APONTAMENTOS TEÓRICOS E DIDÁTICOS PELA PERSPECTIVA DA MORFOSSINTAXE.

Adriana Zampiroli do Nascimento¹, Cellina Maria Gazzoni Sabino², Cláudia Gonçalves Rocha³, Nayane Gama de Lima⁴, Rosa Mateus dos Santos⁵, Rosimere Piantavinha Roveta⁶.

¹adriana-zampiroli@outlook.com

²cellinamaria@gmail.com

³claudiag.rocha43@gmail.com

⁴nayanegama.limas2@gmail.com

⁵sinhamateus@htomail.com

⁶petshopcaoamigo@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho traz uma breve apresentação sobre o que são as preposições, propondo-nos a refletir sobre o ensino desta classe gramatical nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Para isso, parte sob duas prerrogativas gramaticais sobre o assunto: uma normativa e outra descritiva; sendo norteadas por Evanildo Bechara e Mário Perini.

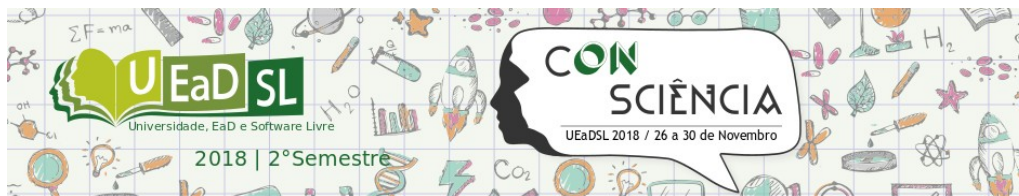
Palavras-chave: Ensino, Português, Preposições, Linguística, Morfossintaxe.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve explanação sobre a classe gramatical preposição. Apresentamos como fundamento teórico as visões de Evanildo Bechara e Mário Perini. Ou seja, uma visão normativa, prescritiva, e outra descritiva, em que aponta claramente a diversas “lacunas” normativas que necessitam de estudos mais aprofundados sobre as preposições.

O papel do professor se mostra determinante para ampliar os horizontes de criticidade de seus alunos quanto à gramática. Assim sendo, esta é a maior contribuição de Perini sobre a forma que a gramática tradicional apresenta as

1 Graduandas do 4º período do curso de Letras Português no Instituto Federal do Espírito Santo/Coordenadoria de Letras/IFES.



preposições, o autor traz consigo uma série de questionamentos quanto à insuficiência nas definições dos termos e a falácia da completeza da gramática tradicional. Muito mais do que a reprodução acrítica de conceitos que são, na realidade, carentes, é preciso que os alunos compreendam a aplicabilidade da classe gramatical: preposição e sua importância quanto à função conectiva entre os termos das mais diversas construções.

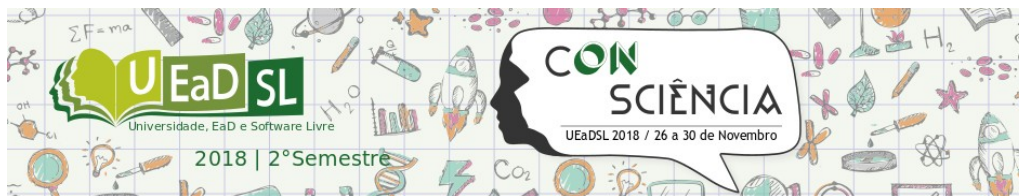
2. Preposição

Para entendermos a funcionalidade da classe gramatical preposição é preciso compreendermos a sua relação com outras classes de palavras. E essa compreensão se dá a partir da conceituação de preposição, segundo Evanildo Bechara em *Moderna Gramática Portuguesa* (2009, p.296) a define como

[...] uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Simplificando: a preposição é uma palavra invariável que liga dois termos de uma oração, também duas orações dentro de um mesmo período. Trata-se de uma classe de palavras que assim como as outras, auxiliam na formulação de pensamento e na construção dos discursos. Sob uma perspectiva do campo da sintaxe, vemos que as preposições se relacionam com a predicação verbal e conseqüentemente com a regência verbal. Esses fatores linguísticos determinam a relação que existe entre os verbos e os termos que o acompanham. Como é perceptível no ditado popular: “Quem tem boca vai à Roma”, que evidencia o uso da preposição *a* e, inclusive, leva um acento grave por ser a união entre o *a* artigo e o *a* preposição.

Mário A. Perini (2005) em *Gramática Descritiva do Português* apresenta uma série de problemas que acompanham a definição de preposição, segundo a gramática tradicional. Originalmente, conceitua a preposição como um grupo de



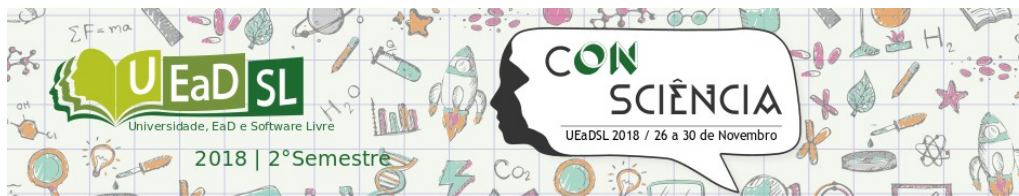
palavras que “funcionam como elementos de conexão entre constituintes e são por isso chamadas conectivos” (PERINI, 2005, p.336), junto às preposições entram neste grupo as conjunções e os relativos. Sobre esses conectivos, o autor destaca as duas classificações a que eles pertencem, os conectivos subordinativos e os conectivos coordenativos.

As preposições pertencem à categoria de conectivos subordinativos, cuja função sintática é alterar a classe de um sintagma nominal ou de uma oração. Em outros termos, as preposições podem influenciar a mudança de classe de palavras, como no exemplo: *Ana faz natação desde que era criança*. Originalmente *desde* é uma preposição, mas quando posto antes do sintagma nominal – *que era criança* – passar a ser sintagma adverbial. Nesse sentido, a preposição é a palavra que precede um sintagma nominal, formando o conjunto de um sintagma adjetival ou um sintagma adverbial.

As preposições se acrescentam aos sintagmas nominais, o que faz com que se possam ocorrer dois processos na mesma construção, resultando em uma preposição acompanhada de um complemento complexo: “Há sequências de duas (às vezes três) palavras que se comportam como preposições e se analisam tradicionalmente como tais: antes de, apesar de, através de, junto a, para com, de acordo, etc (PERINI, 2005, p. 337)”. Dessa forma, as sequências frasais que apresentarem uma dessas preposições exemplificadas serão consideradas como constituídas de um único item léxico, sendo uma preposição composta.

Outros aspectos vinculados às especificidades dessa classe de palavra também merecem destaque, como o caso das preposições homônimas. Perini (2005) questiona por que haveria tanto pares de preposições e conjunções tão semelhantes em forma e significado. Cita-se como exemplo “desde” que em alguns casos pode ser considerado preposição e em outra conjunção, fato que vem a depender do contexto em que tal palavra esteja inserida.

Existem particularidades em que a preposição pode ser omitida, mas isso depende das regras de correlação modo-temporal entre a palavra subordinada e a principal, em outras palavras, a preposição propriamente dita não determina o modo da subordinada, novamente nota-se a importância do entendimento morfossintático



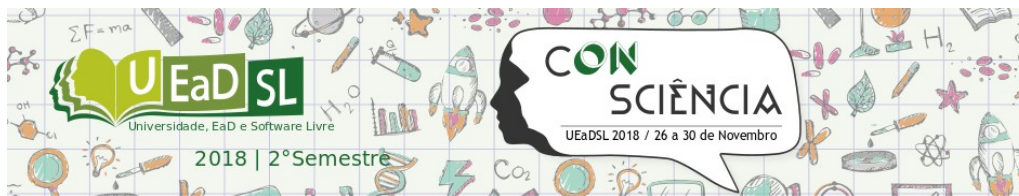
quanto aos enunciados, a preposição por si só não determina a subordinação de um termo. Perini questiona até onde vai a ação das incompatibilidades semânticas e das marcas sintáticas.

Com a função de conectivo, as preposições podem introduzir: complementos verbais, complementos nominais, locuções adjetivas, locuções adverbiais e orações reduzidas. Quanto à classificação, elas podem ser essenciais e acidentais. As preposições essenciais não alteram a classe de palavras, como “ante”, “de”, “por”, “em”, “sob”, “até”, entre outras. Já a preposição acidental pode assumir outras funções morfológicas e sintáticas, o entendimento do contexto evidencia o papel semântico e morfossintático dos termos da oração, como por exemplo, temos “consoante”, “segundo”, “mediante”, “tirante”, “fora”, “malgrado” etc. Mesmo sendo um elemento textual tão relevante, é de extrema importância que no âmbito educacional os alunos compreendam a aplicação dessa classe de palavra, de modo que venham a usá-la conscientemente em suas produções textuais, compondo assim, textos mais concisos e coesos.

3. Perspectiva didática

Um olhar sobre o ensino das preposições aponta que, de maneira geral, a forma que os professores desenvolvem suas atividades para a aprendizagem desta classe gramatical ainda se mostra definitivamente insuficiente. As práticas são voltadas para mecanismo de memorização, como a utilização de métodos que já se mostram ultrapassados, sob a perspectiva do aluno as aulas tornam-se maçantes, desestimulantes e incutem nos estudantes uma certa repulsa pela disciplina. O recurso da “música”, por exemplo, mostra-se apenas um subterfúgio para mascarar a falta de uma perspectiva didática que valorize a ação cognitiva e crítica por parte dos alunos.

É preciso reconhecer que cada um dos educandos possui um modo particular de produzir orações e, com isso em mente, respeitar, exercitar a ética e incentivar o aluno no desenvolvimento de sua autonomia é evidenciar sua dignidade. Levando em consideração, também, o afastamento de todo ato que possa gerar



discriminação, o professor não pode, em razão da oralidade do aluno (que pode refletir na escrita!), segregá-lo ou mesmo ridicularizá-lo. As palavras de Paulo Freire sobre professores autoritários deixa isso bem claro:

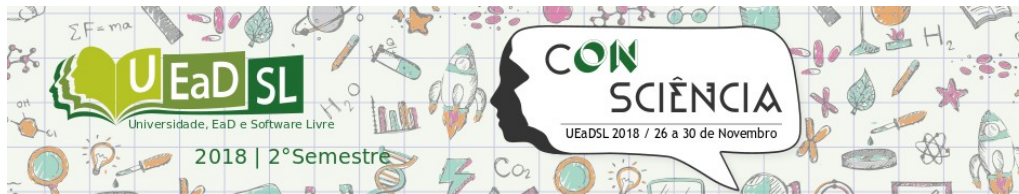
[...]. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. (FREIRE, 1996, p. 33-34 – grifos nossos)

5. Conclusão

O ensino da classe de palavras, preposição, tem que estar, portanto, voltada para uma didática que possibilite muito mais do que a mera memorização das formas. É preciso oferecer ao aluno a compreensão sobre o que são as preposições e como, de maneira coerente, utilizá-las em um discurso escrito e até mesmo oral. Ofertar esse conhecimento ao estudante é uma tarefa muito importante do corpo docente.

A escola deve passar a ser o lugar para ampliação dos horizontes cognitivos, as percepções e críticas sobre a vida em sociedade, com intuito de melhorá-la. Trabalhando nos alunos uma autocompreensão sobre autonomia e emancipação e como isso na construção de enunciados, que são, basicamente, formas que expressam as visões de cada um. O entendimento sobre a melhor maneira de expressão quanto às situações sociocomunicacionais permitem aos interlocutores o próprio conhecimento de direitos e deveres, transformando-os em agentes de ação social.

A relação interacional dos envolvidos nos processos de aprendizagem deve ser dinâmica. O entendimento deve ser de que tudo constitui em relação, logo cabe uma reflexão sobre os estilos de relação habitual e global, cabem aos professores estabelecer elos de comunicação com os alunos, principalmente trabalhando



questões motivacionais. O aluno aprende e o professor ensina, mesmo que não intencionalmente, algumas vezes de maneira não consciente, em um processo constante de aquisição de conhecimento e de habilidade. É perceptível que os professores que possuem mais “prestígio” com os alunos são aqueles que conseguem passar seu conhecimento com mais tranquilidade, em uma relação muito baseada em imitação de modelos, atitudes e soma de valores.

6. Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do Português*. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.